

A TEMÁTICA ANTICOLONIAL NA OBRA “A GERAÇÃO DA UTOPIA” DE PEPETELA

Maria de Fátima Muniz Duarte¹

Lorenço Ocuni Cá²

RESUMO

O presente artigo visa compreender e aprofundar um estudo sobre a temática anticolonial, na literatura angolana, utilizando, para tanto, a obra “A Geração da Utopia” (2013), do escritor Pepetela. A partir da compreensão do contexto histórico-social do país, têm-se informações da época que servem para enriquecer os conhecimentos culturais, sociais, históricos, geográficos, entre outros, de Angola, enfatizando aí a busca pela identidade nacional que se opunha ao colonialismo, numa postura de resistência ao sistema opressor. A obra apresenta um período histórico bem de trinta anos-1961-1991---a preocupação em fundar uma identidade nacional, o sonho utópico de estabelecimento de um país livre e justo, e o desencantamento pós-independência. O livro é dividido em quatro partes, “A Casa (1961)”, “A Chana (1972)”, “O polvo (abril de 1982)” e “O Templo (a partir de julho de 1991)”. As datas remeteriam a episódios e aspectos importantes da história angolana, os quais vão sendo apresentados ao leitor sem, contudo, serem explicados de maneira didática (a luta anticolonial, o processo de descolonização, a independência e o pós-independência). Motivando o leitor a uma curiosidade significativa, na qual temos presente na leitura, informações do antes e pós-Independência de Angola, expressando também o “eu” nacionalista do autor que se envolve com o “eu” literário do mesmo. O trabalho foi desenvolvido, a partir de metodologia qualitativa e bibliográfica.

Palavras-chave: Geração da Utopia. Identidade Nacional. Literatura. Pepetela. Temática Anticolonial.

ABSTRACT

This article aims to understand and deepen a study on the anti-colonial theme, in Angolan literature, using, for that, the work “Geração da Utopia” (2013), by the writer Pepetela. From the understanding of the historical-social context of the country, there is information from the time that serves to enrich cultural, social, historical, geographic knowledge, among others, of Angola, emphasizing the search for national identity that was opposed to colonialism, in a posture of resistance to the oppressive system. The work presents a historical period of well over thirty years-1961-1991 the concern with founding a national identity, the utopian dream of establishing a free and fair country, and the post-independence disenchantment. The book is divided into four parts, “The House (1961)”, “The Chana (1972)”, “The Octopus (April 1982)” and “The Temple (from July 1991)”. The dates would refer to episodes and important aspects of Angolan history, which are presented to the reader without, however, being explained in a didactic way (the anti-colonial struggle, the decolonization process, independence and post-

1 Discente do Curso de Especialização em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

2 Orientador: Professor doutor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

independence). to a significant curiosity, in which we have present in the reading, information from before and after the Independence of Angola, also expressing the nationalist “I” of the author who gets involved with the literary “I” of the same. The work was developed from a qualitative and bibliographic methodology.

Keywords: Generation of Utopia. National Identity. Literature. Pepetela. Anti-Colonial Theme.

1 INTRODUÇÃO

A busca pelo fortalecimento da aprendizagem no campo literário angolano, permite a possibilidade de estudo e conhecimento de assuntos significantes como a forte presença da temática anticolonial em diversas obras angolanas, que podem servir como fonte de pesquisa nessa temática. Observando os escritos de Pepetela, mediante o cenário da busca de identidade nacional, foi possível perceber o quão relevante é se aprofundar de suas obras, por esta razão escolheu-se a realização deste trabalho a partir da obra “A Geração da Utopia” (2013).

O estudo acadêmico sobre o assunto que diz respeito ao anticolonialismo em Angola verbaliza o afeto a nacionalidade e a preocupações às problemáticas sociais. Este campo vem sendo usado por muitos pesquisadores para a ampliação de informações sobre todo esse panorama histórico de luta pela liberdade, pela identidade nacional, vinculado ao sentimento de igualdade, solidariedade por uma nação justa e digna de se viver.

Geração da utopia (2013) é uma obra bastante significativa passando por um período histórico de 30 anos. Foi escrito nos anos 90, período em que se tentava acordo de paz. A geração da utopia representa aqueles que lutaram, uma geração que sonhou com um futuro melhor e que quase vinte anos depois não era possível ver esse sonho se realizar. Portanto, esta obra literária traz importantes informações sobre a história de Angola, abordando assuntos tanto das lutas de independência como o que houve após a independência.

Pepetela, escritor angolano, caracteriza-se pela sua postura guerrilheira, um cidadão que pensa primeiramente no povo e depois nos outros contextos sociais. Sendo ele um angolano branco, sofreu a desconfiança da sociedade mesmo diante da conduta de luta, e por isso é válido conferir essa situação realista em sua obra ressignificada pelos personagens.

Nesta devida pesquisa é possível identificar na obra assuntos relacionados à visão anticolonialista, analisando o panorama histórico do que se esperava após a independência e o que realmente se obteve mediante tantas perspectivas de esperanças sociais. Este trabalho pretende também contribuir com o acréscimo de mais informações históricas de Angola no aspecto literário.

O objetivo proposto neste trabalho é: especificar a marca do anticolonialismo no decorrer da obra em que a mesma perpassa diversas ocorrências históricas num período histórico de 30 anos.

Na busca de uma melhor organização metodológica, a realização do trabalho se apresenta como pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Metodologicamente, fez-se um apanhado geral de aportes teóricos e análise da obra para defender através de estudos sobre o contexto anticolonial vivenciado em Angola encontrado na obra literária de Pepetela (*Geração da utopia*/2013). A pesquisa para a realização do mesmo foi feita com os artigos acadêmicos e livros do autor em estudo (Pepetela). O primeiro momento da pesquisa é realizado através de uma busca de fontes bibliográficas para selecionar e organizar melhor a sequência de estudo. Dando preferência a leitura da obra em estudo (*Geração da utopia*) e também fazendo leitura de outras obras como *Mayombe* que faz correlação com a mesma. O segundo momento do desenvolver do trabalho caracteriza-se pela realização de uma leitura selecionada e mais detalhada do material coletado para a pesquisa.

Afim de compreender melhor e realizar uma pesquisa satisfatória e identificar traços na temática anticolonialista mediante a obra de Pepetela, utilizou-se além da própria obra (*Geração da utopia*), um artigo de Chaves (1999), tendo como título: “Pepetela, romance e utopia na história de Angola”. Além disso, foram utilizados outros artigos: um de Carlos Eduardo Soares da Cruz: “A geração da utopia e o papel do intelectual na formação de Angola”; um artigo de Gustavo Henrique Rückert: “A geração da utopia em tempo de distopia” e por último um artigo de Gisele Germmi Chiari: “A geração da utopia: da construção ao questionamento da identidade nacional”. Também foi utilizado como instrumento de pesquisa outra obra de Pepetela: “*Mayombe*”, que facilita melhor a compreensão de *Geração da utopia*.

As problemáticas e hipóteses desta pesquisa levantaram questionamentos como os seguintes: de que forma no contexto literário do romance, Pepetela aborda a temática anticolonial em sua obra (*Geração da utopia*)? Essa geração na qual é retratada na obra conseguiu realizar seu sonho utópico mediante a sociedade angolana que se mostra acarretada de legados sociais pós-independência? O autor de alguma maneira retrata o preconceito de cor ou de gênero em sua obra? Porque a “*Geração da utopia*” leva em consideração a marca da identidade nacional?

As perguntas anteriores se relacionam com as seguintes hipóteses: O autor Pepetela já se tornou bastante conhecido no campo literário angolano apresentando diversos adjetivos que se assemelham em suas obras. Por ser um autor ativo às lutas de identidade nacional, é possível correlacionar essa característica que seja possível encontrar no romance em estudo deste trabalho. Não diferentemente dos outros países africanos, Angola também fez parte de um cenário dominado pela colonização, regado de muita violência, violência essa que motivou esse povo injustiçado ir à luta, em busca de sua independência e na esperança de se obter a identidade nacional. Porém, muitos sonhos de esperança se tornaram frustrantes, pois a realidade foi bem diferente daquilo que se esperava e o autor faz em sua obra a descrição desse cenário histórico de distopia. Pepetela é um autor angolano de cor branca. Ele teve uma preocupação social com seus conterrâneos, por isso estava disposto a lutar. Em sua obra, há uma personagem que tem características semelhantes ao mesmo, e que dentro dessa situação de cor da pele, pode ocorrer o fato de uma desconfiança. A marca da identidade nacional está vinculada a inúmeros fatos sociais de um povo que desejava se livrar de uma vida de opressão. Na obra, o autor no próprio título do seu livro já faz uma correlação com a significância desse contexto. Essa geração é a geração que deseja esperançosamente alcançar a identidade nacional e adquirir um país justo para se viver.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 As personagens e a voz de Pepetela ressignificando a nacionalidade

As personagens na obra de Pepetela, Geração da Utopia, são focos reflexivos e que possuem intensas correlações com a realidade. Realidade, muitas vezes, vivida pelo próprio autor em seu meio. Carregando o desejo de liberdade e justiça, a utopia se transforma em distopia, o comportamento das personagens baseados na verdadeira realidade de Angola, expressa claramente que o cenário pós-independência se desencadeou pela disparidade de pensamentos e ideologias sociais e políticas.

Dando destaque as personagens que são consideradas principais, temos: Sara, Vítor, Malongo e Aníbal. Sendo que desses quatro, Aníbal vai ser designado como protagonista.

Dentro de um espaço narrativo que percorre três décadas, a obra Geração da Utopia traz uma narrativa cujas personagens perpassam por pensamentos distintos dentro do desejo de utopia. Entre o desejo do fazer coletivo, demonstrado pela personagem Sara, aparece Vítor com o oposto do sentimento de Sara, se mostrando egocêntrico e individual, enquanto Aníbal

já transfere uma ação mais recuada e como mostra no início da narrativa, o mesmo não era do tipo alegre, e dentro de todo esse contexto vem Malongo dispensando a relação de coletividade, apresentado pelo narrador como pessoa do tipo alegre.

Sara nascida em Benguela era estudante de medicina, por sinal uma aluna muito responsável e dedicada. Um ponto de grande reflexão: Sara era branca, o que implica algo que chamaria atenção no decorrer da obra, acreditando que nessa característica o autor se autocaracteriza através da personagem. Sara era muito ligada as suas tradições angolanas, e mesmo tendo a oportunidade que não cabia a realidade do seu povo, ela estava ali, mas não esquecia da cruel realidade vivida pelos angolanos, por um sistema político opressor. E num certo evento da faculdade ressaltou a problemática da mortalidade infantil, a palestra foi muito válida, porém valeu também uma advertência, como se pode presenciar nesta parte da leitura:

Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminoso, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria. (PEPETELA, 2013, p. 5).

A presença das tradições culturais é bem focada pelo narrador, em algumas partes da narrativa caracterizada pelas personagens nas marcas da tradição popular das colônias africanas, como é possível conferir na seguinte parte da obra:

Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória. Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Conseguira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito. Chumbava regularmente no último ano. Vítor chegou um ano depois, Malongo simpatizou com ele, propôs-lhe partilharem o quarto, sempre ficava mais barato. A senhora aceitou um complemento, eu gosto muito de pretinhos, fazem barulho às vezes, mas são muito bonzinhos. Vítor parecia seguir as pisadas do mais velho e reprovou logo no primeiro ano de Veterinária. Conseguiu êxito na repetição, mas voltou a chumbar no segundo. Parece feitiço da Rua Praia da Vitória, dizia Malongo, temos de queimar umas ervas para aplacar os maus espíritos. (PEPETELA, 2013, p. 5).

Segundo Mattos (2013), em seu artigo, o otimismo e a confiança de Sara nos agentes que a cercam as ações necessárias para o desenho do sonho diurno, mas para antecipar a consciência antecipadora o narrador opta por demarcar os problemas do presente que são

obstáculos para o futuro. Ao vincular-se a Malongo e Vítor com menos intensidade), o narrador propõe uma avaliação sobre os problemas resultantes da colonização que deveriam ser superados. Estabelece, assim, planos distintos na narrativa: enquanto em Sara é perpetuado o caráter que ambiciona a luta (consciência e utopia), em Malongo e Vítor reverberam os obstáculos que a ela se apresentam. Percebe-se na observação de Mattos (2013) que a preocupação pode até ser de todos do grupo, mas a ação acaba se desvencilhando por opiniões e ideologias distintas. Refletindo também a respeito do comportamento de Sara em querer convencer seu namorado Malongo a adotar uma postura similar a sua. Porém, Malongo tinha outras perspectiva e intenções, pois apresentava uma alienação quanto o pensar político e social, além de desejar alcançar objetivos que apenas o promoveria.

Quanto a Vítor, este personagem desenvolve e desperta a preocupação com as questões sociais à medida que os fatos vão ocorrendo, mediante as problemáticas sociais ele começa a despertar o sentimento de consciência nacional, e mesmo se sentindo tímido, começa a compreender, o seu próprio sentimento de inferioridade, mediante aos demais do grupo, em que muitas vezes é jogada a sua incapacidade pelas reprovações nas disciplinas da faculdade de medicina veterinária. Mas se diferenciando de Malongo pela negatividade, Vítor desperta para a maturidade da crítica social, e na perspectiva do sonho de uma sociedade angolana melhor.

Com relação a Aníbal, embora não pareça, como afirma Mattos (2013) o personagem apresenta nuances do herói de guerra, ainda que suas características físicas não permitissem tal adjetivação:

“Baixo, magro, sempre agarrado aos livros e às ideias não propriamente a imagem que se fazia de um herói” (PEPETELA, 2013, p.56), sua personalidade superava qualquer expectativa” Dava uma sensação de fragilidade. Porém ele sabia, era todo o contrário, uma tremenda força interior (PEPETELA, 2013, p. 21).

A voz narrativa da obra é realizada por um narrador que é amparado por um autor caracterizado pela forma implícita, que em vários momentos se revela próximo da personagem Sara, mas também se caracterizando nos demais personagens que se apresentam como principais e/ou protagonistas.

2.2 A Casa, a Chana, o Polvo, o Templo

É possível perceber que o capítulo A Casa (1961) faz uma alusão ao espaço narrativo e histórico da obra, o lugar: A Casa dos Estudantes do Império (CEI), local onde estudantes de vários países africanos se instalavam, para ali ir em busca dos seus sonhos através dos

estudos por volta do ano de 1961.

A crítica social presente neste momento da obra aparece de forma enunciativa através da real atuação das personagens. A desigualdade social, a falta de oportunidade para um progresso profissional, o sistema político, a lastimável situação da mortalidade infantil presente nas colônias, demonstravam um cenário crítico, que despertava a partir daí uma certa indignação, insatisfação que automaticamente causava o desejo de mudança.

A Chana ressignificando a luta (1972) traz a representatividade da independência e o momento em que cada personagem vai assumindo sua postura na sociedade angolana com a designação do seu papel na mesma.

O Polvo (1982/abril), nesse momento da narrativa a utopia se transforma em distopia. O Polvo que representa uma alusão ao sistema político que causava medo e opressão a sociedade.

O Templo (1991/ julho), esse momento faz referência ao surgimento da economia, junto a chegada da Igreja da Esperança e do Dominus do bispo Elias.

Segundo Mattos (2013) as datas remeteriam a episódios e aspectos importantes da história angolana, os quais vão sendo apresentados ao leitor sem, contudo, serem explicados de maneira didática (a luta anticolonial, o processo de descolonização, a independência e o pós-independência). O foco, porém, não recai sobre os fatos históricos e seus articuladores, mas nas consequências do fazer histórico que são o objeto de reflexão das personagens.

2.3 A utopia que se desvencilhou no rumo histórico de Angola

Comforme Dicio (2021), a palavra Utopia deriva do latim tardio *utopia*, palavra inserida na Língua Portuguesa por influência de Thomas More, que designou uma ilha perfeita em seu livro “A Utopia”; pelo grego: ou (não) e tópos (lugar). Situação ou local idealizado; lugar onde tudo acontece de maneira perfeita ou ideal. Local ou situação ideal onde tudo é perfeito, harmônico e feliz; refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal. O que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia. Situações determinadas em que os indivíduos estão em estado pleno de felicidade e harmonia. [Política] P.ext. Qualquer situação imaginativa que, remetendo ao que é ideal e priorizando a qualidade de vida, garante uma sociedade mais justa e com políticas públicas igualitárias (DICIO, 2021).

A obra Geração da Utopia nos fornece uma realidade histórica de Angola que nos possibilita uma visão mais clara sobre o cenário e fatos de uma Angola pós independente.

Assim como em muitos países africanos, Angola não foi diferente na sede de mudança que alimentava o plano da utopia. Utopia de uma sociedade justa e digna de se viver. Em ambas as obras de Pepetela (*Geração da Utopia* e *Mayombe*), o autor mostra em sua relevância a busca de identidade e independência, trazendo como temática o período das lutas de libertação nacional. Por trás dos sonhos houve muitos empecilhos histórico- sociais que transformaram a utopia em desencanto, pois nem todos que estavam participando da realização desse sonho de libertação tinham os mesmos anseios e idealizações de uma sociedade justa. Por isso grupos como Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA) entraram em conflitos, em uma guerra civil.

A frase de Chaves (1999, p. 220) “faz-se uma nação e perde-se um sonho” está relacionada a descrença de um sonho, porque não houve a verdadeira união entre os grupos para combater o inimigo (colonial). A UNITA não cumpriu o acordo de paz e a guerra continuou por algum tempo. Após 20 anos o povo angolano não havia de fato encontrado o que havia sido prometido. A geração da utopia é a geração que sonhou, e ainda não estava vendo o sonho se tornar realidade. A mesma autora também questiona que se perde uma nação, desfaz-se uma utopia? Retratando-se o pessimismo trazido pela derrota. Junta-se algumas franjas da utopia despedaçada pela natureza de um contexto hostil. A sociedade angolana viveu convulsivamente os dilemas e as impossibilidades a que está sujeito um país em construção. Não seria fácil conquistar a independência, pois as lutas por outras causas sociais e identitárias de conquistas ainda iriam permanecer.

Sendo assim é possível perceber que em *Geração da Utopia* o sonho representa a construção de uma sociedade digna para se viver, que pudesse alcançar a liberdade e justiça como afirma Chiari (2012). Essa utopia está ressignificada na preocupação referente a busca da identidade nacional em realização do fazer histórico e essa reflexão Pepetela traz para o campo literário (CHIARI, 2012).

Uma das grandes questões levantadas como reflexão e até mesmo crítica, é que as ideologias de quem alimentam este sonho de liberdade não comunguem com o mesmo pensamento, causando diferença de intenções, segregando uma sociedade que apresentam interesses diferentes, em muitos momentos da obra, o autor Pepetela usa recursos da focalização do discurso indireto, o autor usa diversas vozes presente na obra segundo Chiari (2012).

Os planos pelas lutas de libertação, busca de identidade nacional, seguiram rumos que não estavam em planejamento, pois as guerras civis que eram na época patrocinadas pelas

forças imperialistas, além da má condução da gestão do Estado serviram como uma espécie de enfraquecimento, e dessa maneira, a utopia ia cada vez mais se desvencilhando.

Inicialmente, o romance se caracteriza pelo período em que o desejo pelas lutas de libertação promove a organização das mesmas. Mesmo que nos capítulos seguintes Pepetela revele fatos de ideologias diferentes entre os participantes dessa luta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Pepetela, *Geração da Utopia* não nos traz uma conclusão de algo histórico, mas uma intensa reflexão sobre o processo de construção nacional e situação de nacionalismo em que o autor usa como porta voz seus personagens de maneira bem simbólica, abordando temáticas como movimentos de libertação, contexto histórico-político, problemas étnico-raciais, corrupção, entre outros. Tudo isso mostra a preocupação e atenção que Pepetela transcreve dentro de várias vozes do romance.

Se houve desencanto? Houve sim. Que foi possível perceber que isso transpassa pela narrativa da obra, mas ressignificando a esperança de uma sociedade melhor, fazendo ainda valer a utopia, pois a mesma não termina. O autor não vê o falecimento da utopia, mesmo diante de todas as tentativas opostas ao que se sonhava, referente a uma Angola justa, livre e fortalecida pelo nacionalismo.

REFERÊNCIAS

- CHIARI, G. G. A geração da utopia: a construção ao questionamento da identidade nacional. *In: XIII ENCONTRO DA ABRALIC. Anais [...].* Campina GRANDE – PB, dezembro de 2012.
- CRUZ, Carlos Eduardo Soares da. A geração da utopia e papel intelectual na formação de Angola. **Revista Garrafa**, v. n. 16, p. 1-9, 2008.
- DICIO. Dicionário Online de Português. 2021. **Utopia**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/utopia/>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- MATTOS, Tatiane Reghini de. **As vozes narrativas de Pepetela: A geração da Utopia e Predadores**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- PEPETELA. **A geração da utopia**. 1. ed. São Paulo: LeYa, 2013, 303 p.
- PEPETELA. **Mayombe**. 2. ed. São Paulo: LeYa, 2019, 256 p.
- PEREIRA, Karen Eloá de Assunção. **A geração da utopia, vozes enunciadoras do desencanto**. Ilhéus, BA: UESC, 2012. 98 f.

RITA, Chaves. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. **Via Atlântica**, v. 1, n. 2, p. 216-233, julho de 1999.

TÔRRES, Letícia. **A concepção da nação em Pepetela: A Geração da utopia**. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, agosto de 2013.

ANEXO

Uma poesia escrita para “Geração da Utopia” de Pepetela, por Maria de Fátima Muniz Duarte

Fortalecendo a nacionalidade
Com tamanha expressão
Pepetela em seu romance
Representa uma geração
A geração da Utopia
Enfatizando o histórico social
Numa postura de resistência
Pela identidade nacional

Através da literatura
O autor representou
O sonho de uma nação
Que em Angola formulou
Utilizando as personagens
Criticou o opressor
Transcrevendo as imagens
De tudo que se sonhou

A obra está dividida:
A Casa, A Chana
O Polvo, O Templo
Em diferentes períodos históricos
Para o melhor entendimento
Da história angolana
Trás aspectos importantes
Explicando de forma didática
A utopia significativa

Sara, Vítor, Malongo e Aníbal
São personagens principais
Com disparidade de pensamentos
Ideologias político-sociais
Baseadas na verdadeira realidade
São focos de reflexão
No qual Pepetela transcreve
A utopia de uma geração